


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUIZA BEDÊ BARBOSA

A PRESENÇA DA ALTERIDADE NOS DISCURSOS SOBRE A
LITERATURA MARGINAL EM *BLOGS*: uma análise dialógica.



ARARAQUARA – S.P.
2012

LUIZA BEDÊ BARBOSA

**A PRESENÇA DA ALTERIDADE NOS DISCURSOS SOBRE A
LITERATURA MARGINAL EM *BLOGS*: uma análise dialógica.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2012

*Aos meus pais, Paulo e Marina, e às
minhas irmãs, Kita e Tânia.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo e Marina, por incentivarem, acima de tudo, meus estudos desde sempre, por me proporcionarem minha vinda à Araraquara e por serem os maiores exemplos de seres humanos que já conheci.

Às minhas irmãs Kita e Tânia pelas puxadas de orelhas (mesmo quando não necessárias), pelas influências intelectuais, culturais e políticas que até hoje me abarcam e por me fazerem compreender o sentido da palavra *irmã*. À minha sobrinha Júlia por enfeitar e alegrar os meus dias, mesmo de longe.

Agradeço profundamente a república Las Canelas pelos quatro anos incríveis que passei ao lado de cada um que fez parte desta família, pelas experiências inesquecíveis, por me fazer desejar chegar em casa, pelas conversas intermináveis, pelos almoços em família, pelas festas e pela amostra de que é possível viver, conviver, querer bem e amar as diferenças. Agradeço especialmente à Fer, Crock, Bia, Lari que estiveram comigo desde o primeiro ano e a Carol que, além de companheira de república, foi uma exímia colega de classe.

Às minhas amigas de turma: Rosa pelo carinho e atenção e a Dani pelo olhar no primeiro dia de aula, pelas reflexões, conversas e pelo jeito que me faz admirá-la cada vez mais.

Às minhas eternas amigas Débora e Karina que mesmo de longe, mesmo depois de meses sem vê-las ou conversar, sempre estiveram presentes, seja me apoiando ou pedindo pra voltar. Amo vocês, garotas!

Ao Bruno, que tanto tardou em chegar, pelas sugestões, reflexões teóricas, conversas descomprometidas, pela calma reinada diante do turbilhão que eu sou, pelos conselhos, pelos planos, pela companhia inalienável, pela felicidade sem deuses ou misticismos, pelo amor, carinho e respeito.

E, finalmente, à minha orientadora, Professora Marina, por me possibilitar desenvolver este trabalho baseado nas minhas elucubrações de forma tão sóbria e por fazer possível um estudo sobre duas das minhas grandes paixões: a linguística e a literatura.

Queria eu lá viver perto de chefes? Careço é de pousar longe das pessoas de mando, mesmo de muita gente conhecida. Sou peixe de grotão. Quando gosto, é sem razão descoberta, quando desgosto, também. Ninguém com dádivas e gabos, me transforma. (ROSA, 2006, p. 187 e 188).

RESUMO

O presente trabalho toma como objeto de estudo o discurso sobre a literatura marginal em *blogs*. A literatura marginal é um movimento literário que tem como tema central o relato da própria experiência de sobreviver nos espaços marginais e marginalizados da sociedade brasileira contemporânea. A vida na periferia, lugar este pouco representado pela literatura canônica, passa a ser extensão do que se escreve, deste modo, o autor assume de forma concreta seus distintivos traços artísticos, culturais e sociais. Tendo em vista a internet como instrumento de “democratização” da prática e do uso da palavra escrita, por conta da heterogeneidade dos discursos veiculados, a literatura marginal contemporânea encontra, neste espaço, a possibilidade para expor e divulgar seus discursos carregados de traços distintivos de hibridismo, contraditoriedade, além de propagar, por meio da linguagem coloquial, sua temática que possui um caráter coletivo e representa uma específica realidade brasileira. Nos *blogs*, mais especificamente, os escritores de literatura marginal encontram um espaço de divulgação de textos inéditos e de suas obras. Para a realização do estudo proposto, foram feitas considerações gerais sobre os *blogs* pesquisados, segundo uma abordagem dialógica do material de pesquisa. O *corpus* compõe-se de *blogs* de sujeitos que têm alguma relação com a literatura marginal contemporânea: o *blog* da editora literatura marginal (editoraliteraturamarginal.blogspot.com.br) e os *blogs* pessoais dos escritores Ferréz (ferrez.blogspot.com.br) e Sérgio Vaz (coleccionadordepedras1.blogspot.com.br). Para a descrição/análise dos dados, foi feito um estudo bibliográfico de escritos bakhtinianos, que embasam teoricamente a pesquisa. Também foi desenvolvido um estudo bibliográfico de literatura marginal no Brasil. Foram analisados, sob a perspectiva do círculo de Bakhtin, elementos linguísticos - encontrados em textos publicados em *blogs* dos autores — que tragam indícios da interação social, das vozes sociais, da alteridade e dos valores ideológicos presentes no discurso.

Palavras – chave: Círculo de Bakhtin, dialogia, alteridade, literatura marginal.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Foto do “perfil” do <i>blog</i> de Ferréz	28
Foto 2	Foto do <i>post</i> do <i>blog</i> do Sérgio Vaz	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O CÍRCULO DE BAKHTIN	11
1.1 Análise dialógica do discurso	11
2. LITERATURA MARGINAL: EXPRESSÕES DAS VOZES MARGINALIZADAS	17
2.1. Vozes virtuais: a prática de escrita nos <i>blogs</i> sobre literatura marginal	20
3. ANÁLISES DOS <i>BLOGS</i>	21
3.1 <i>Blog</i> : Editora de Literatura marginal.	21
3.1.1 Manifesto de abertura: literatura marginal	22
3.1.2. Comentários	23
3.2. <i>Blog</i> : Ferréz	26
3.2.1. Perfil	27
3.3. <i>Blog</i> : Sérgio Vaz	29
3.3.1. <i>Os dias que não doem</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
ANEXO A – <i>Manifesto de abertura: literatura marginal</i>	43
ANEXO B – <i>Os dias que não doem</i>	47

INTRODUÇÃO

Segundo Mikhail M. Bakhtin (2010) há três âmbitos essenciais da cultura humana: a ciência, a arte e a vida, porém percebemos que não encontramos facilmente a junção destas três instâncias em forma de unidade no sujeito, o único aspecto que perpassa estes três âmbitos é o ato ético. Muitas vezes o artista e o homem estão unificados de maneira simples e mecânica. O homem quando pretende criar se afasta do mundo da realidade cotidiana e se aproxima de um espaço, de um mundo de inspiração e tranquilidade que possibilita a criação artística. Assim, quando o homem está na arte, não está na vida e vice-versa. Consequentemente, a arte se torna alienada do próprio sujeito que a cria, por não pertencer à realidade que ele vive. A vida, a arte e a ciência estão longe de ser a mesma coisa, porém, segundo Bakhtin, elas devem ser entendidas de forma não fragmentada.

Este trabalho propõe a reflexão das três instâncias da cultura humana em uma tentativa de relacioná-las e demonstrar, desta maneira, o processo dialógico que ocorre entre elas.

Propõe-se um estudo analítico dos discursos materializados em três *blogs* que estão diretamente ligados à atual literatura marginal, de modo que reflitamos de que maneira esses discursos definem a produção de identidade da própria literatura marginal e dos sujeitos vinculados a ela, ou seja, entendemos que a identidade é produzida necessariamente na relação com o *outro*, no processo de alteridade, portando a análise se concentra nas influências sociais e ideológicas permeadas nestes discursos.

O objetivo deste trabalho não é analisar a literatura marginal em si, por meio de análises literárias, mas sim concentrar-se nos discursos que são disseminados sobre ela em *blogs*, considerando-os segundo uma perspectiva dialógica, utilizando para tanto a base teórica dos estudos bakhtinianos do discurso: Bakhtin (2000, 2010), Brait (1994, 1997), Faraco (2007), Fiorin (2008), Geraldi (2004), Miotello (2009) entre outros autores.

Partindo, portanto, da perspectiva bakhtiniana do discurso, selecionamos para este trabalho três *blogs* sobre literatura marginal, tendo em vista a representatividade dos autores e a importância destes *blogs* para a divulgação da literatura marginal e dos movimentos sociais marginalizados: o *blog* da editora “Literatura marginal” (editoraliteraturamarginal.blogspot.com.br) e os *blogs* pessoais dos escritores Sérgio Vaz (coleccionadordepedras1.blogspot.com.br) e Ferréz (ferrez.blogspot.com.br).

No *blog* da editora “Literatura marginal” escolhemos o *post Manifesto de abertura: literatura marginal* (2006), escrito por Ferréz, por expor os objetivos desta literatura de forma clara e direta, além disso analisamos os comentários das duas vezes em que este texto foi

veiculado neste *blog*. Os comentários demonstram a relação desta literatura com o *outro*, podemos perceber que este *outro* é diversificado. Para tanto, utilizaremos os conceitos bakhtinianos de estilo, ideologia e dialogia presentes nos enunciados.

Nos *blogs* pessoais serão analisadas a sessão “perfil” do *blog* de Ferréz por expor a identidade que é construída pelo autor quando fala de si, e a relação desta sessão com a postura do escritor nas publicações de alguns de seus *posts*; no *blog* de Sérgio Vaz, utilizaremos como objeto de análise a postagem *Os dias que não doem*, neste texto podemos encontrar a produção da identidade na relação do *eu* com o *outro*, tanto na afirmação da literatura marginal como expressão do *eu*, quanto no diálogo com outros momentos literários, seja na forma de crítica, seja na apropriação.

Dessa forma, o presente trabalho consiste em quatro momentos: o primeiro será a contextualização histórico-teórica do círculo de Bakhtin e a apresentação dos conceitos utilizados neste trabalho, após esboçarmos noções sobre a literatura marginal contemporânea, apresentado a literatura, partiremos para a análise dos três *blogs* e, por fim, pretendemos chegar a possíveis conclusões.

1. O CÍRCULO DE BAKHTIN

Para compreendermos a gênese do processo de formulação da teoria bakhtiniana é necessário que analisemos, primeiramente, a obra de Mikhail M. Bakhtin (1895- 1975) sob uma perspectiva voltada aos diversos círculos de debates no qual o filósofo russo participou durante sua vida.

O primeiro círculo com que Bakhtin teve contato chamava-se *Omphalos*, organizado desde 1912, ligado a Universidade de São Petersburgo, lugar em que se diplomou em História e Filologia, em 1918. Este círculo era composto por um grupo de amigos, estudantes e poetas de diversas áreas, todos influenciados pela poesia de Alexandre Pushkin. Ainda enquanto estudante em São Petersburgo participou do *Círculo dos Simbolistas*, que tinha como líder o filósofo e escritor Viacheslav Ivanovi.

Em 1918 fugindo da fome e do desemprego que assolava a Rússia pós-revolução, Bakhtin muda-se para Nevel, lugar em que morou por dois anos, lá expunha as diretrizes de sua teoria, segundo ele:

Em geral Maria Veniaminovna [Iudina], Lev Vasilevich [vezes com alguém mais ainda, e durante estes passeios tínhamos Pumpianski] e eu, às conversas. Lembro até mesmo que expus para eles, bem, os elementos da minha... filosofia ética, sentando às margens do lago – assim em vestes de... devíamos estar a 10 quilômetros de Nevel. (BAKHTIN apud MIOTELLO, 2009).

Criou-se a Associação Científica em Nevel da qual Bakhtin torna-se presidente, e que tinha dentre os membros o amigo de juventude Pumpianski, o filósofo Matvei Isaevich Kagan, o químico Koliubakin.

Porém, foi em Vitebsk que os membros da Associação Científica de Nevel juntaram-se com Medvedev e criaram o *Círculo de Bakhtin* que possui como núcleo central estudiosos como Pumpianski, Pavel Medvedev, Valentim Volochínov, Iudina, Kagan, Koliubakin. É o diálogo teórico e reflexivo entre os membros deste círculo que utilizaremos como suporte teórico para o desenvolvimento deste trabalho.

1.1 Análise dialógica do discurso

O círculo de Bakhtin teve início em 1918 com discussões que inseriam a teoria marxista nos estudos da filosofia da linguagem. A intenção não era fazer uma análise sistemática da linguagem utilizando os conceitos do materialismo-histórico, mas sim esboçar *orientações de base e procedimentos metodológicos* (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2010,

p.31) para a aplicação prática e, desse modo, ir contra ao método mecanicista predominante naquele período.

Conceitos como ideologia, dialogia, alteridade, identidade e estilo foram desenvolvidos em livros como *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2010), *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), *Estética da criação verbal* (2010) e no artigo *Discurso na vida e discurso na arte* (1926)¹.

É de suma importância ao estudarmos o Círculo a compreensão do signo ideológico. Para o Círculo, um simples instrumento de trabalho como um martelo, enquanto material no sentido físico, possui um significado, uma função, porém pode ser transformado em um signo ideológico ao se tornar uma representação, por exemplo, de um partido político ou um emblema da União Soviética. A partir deste momento, o martelo receberá influências externas e refratará outra realidade, a realidade da ideologia.

As leis dessa realidade são as leis das comunicações semióticas e são diretamente determinadas pelo conjunto de leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36)

A ideologia, para Bakhtin, é determinada por uma classe social que, baseada em valores morais, estipula regras e costumes em seu próprio grupo ou refrata estes valores por meios de signos ideológicos para outras classes sociais e, desta maneira, torna-se dominante sobre outros grupos sociais. Segundo Karl Marx e Friedech Engels, na primeira parte da *Ideologia Alemã* (1977), ao discorrerem sobre o papel desempenhado pela ideologia na sociedade de classe:

As ideias (*gedanken*) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, às ideias daqueles aos quais faltam o meio de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes recebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação (grifos no original. p. 72).

¹ Este trabalho foi originalmente publicado em russo, em 1926. A tradução para o português foi feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza para o uso didático (sem datação).

Segundo Volochínov, existem duas esferas no âmbito da criação ideológica: a “ideologia do cotidiano” que se realiza como um conjunto da experiência da vida e das expressões externas ligadas a esta experiência (TCHOUGOUNNIKOV, 2006) e os “sistemas ideológicos” que “são constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião e cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 123).

[...] Bakhtin traça também um modo de tratar a linguagem sem a necessidade, por exemplo, de separar uma linguagem “normal” (unívoca, quase imutável, perfeitamente codificada, sempre idêntica a si mesma, apenas reiterável) de uma linguagem “criativa” (dinâmica, plurívoca, aberta, sempre adaptável às realidades da interação). O caráter dialógico é o fator unificador de todas as atividades languageiras, havendo também uma rica dialogia entre os gêneros cotidianos do discurso e os gêneros elaborados [...] (FARACO, 2007, p.58).

Portanto, percebemos que não existe por parte dos teóricos do círculo uma desvalorização da ideologia cotidiana — que se dá por meio da linguagem cotidiana — e nem uma valorização exacerbada da esfera que está ligada à moral social que é difundida por meio de uma linguagem mais elaborada. Há um diálogo efetivo entre o discurso artístico e o discurso do cotidiano concomitantemente.

Este diálogo se dá pela comunicação social que assume sua materialidade por meio da linguagem, da palavra, portanto “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36), assumindo um caráter fundamental para toda atividade ideológica.

Se a linguagem é o ponto de partida para a realidade ideológica e as duas estão intrinsecamente ligadas, então chegamos a um dos pontos elementares na discussão do Círculo: a afirmação da não-existência da neutralidade do enunciado, ou seja, não há, segundo esta concepção, um enunciado aquém da ideologia. Entende-se, nessa concepção, enunciado como uma manifestação sígnica concreta que envolve linguagem verbal e não-verbal (palavra, construção sintática, entonação, gestos, imagens etc). ..

Além do conceito de ideologia, a vasta obra do círculo de Mikhail Bakhtin nos possibilita afirmar que todo falante é por inteiro um indivíduo único, singular e social, forma esta que interfere na concepção de linguagem. Sabe-se que a linguagem, por conter um caráter social, histórico e cultural, contém marcas singulares que são alteradas, contaminadas e influenciadas por relações com o espaço e com os sujeitos, esses traços singulares e sociais inerentes à linguagem são denominados, segundo Volochínov (1926), por *estilo*.

Esta singularidade social e histórica da linguagem fica clara no âmbito artístico. O escritor adquire suas palavras pela vivência em seu ambiente, por meio da ideologia do cotidiano e das esferas institucionais, e se torna um indivíduo constituído interiormente por elas, de forma que não há possibilidade de desvinculá-las da vida social. Deste modo, o *estilo* se dá por “uma pessoa mais seu grupo social na forma de seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (VOLOSHINOV, 1926).

Ao apresentarmos os conceitos de ideologia e estilo percebemos a presença constante das vozes sociais nos discursos, tal presença se dá porque cada palavra que pronunciamos carrega em si atos de confirmação, pressuposição e contradição em relação a enunciados que nos foram ditos antes. Esta relação é o terceiro conceito apresentado neste trabalho, nomeado pelo o Círculo por dialogismo.

Segundo Beth Brait (1994), este conceito “desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico”.

Na teoria bakhtiniana (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2010), o *outro* não representa apenas uma presença paralela ao sujeito de modo que caminha sem interferências; ao contrário, a linguagem verbal, tanto interna quanto externa, não pertence a um sujeito individual, mas sim ao *outro* que está presente internamente na constituição da linguagem do sujeito. Assim, em cada palavra que pronunciamos, existe sempre uma relação dialógica com a fala do *outro* que não permite a descontextualização de um enunciado do seu enunciador, do seu enunciatário, de sua situação social e histórica, porque haverá sempre uma interação entre as vozes sociais.

Essas vozes sociais variam conforme o destinatário, que pode ser comum, por exemplo, aquele que o emissor conhece e o superdestinatário (FIORIN, 2008, p. 26) que está ligado a preceitos de instituições, como a igreja, a família, o senso-comum de sua comunidade e etc. Se essa voz social, presente no discurso do enunciador, for baseada em um ponto fixo, central, centrípeto ela tende à monologia. Porém, se as vozes sociais forem constituídas por diversas vozes sociais, elas se tornam dialógicas, centrífugas, tal qual a realidade em que vivemos.

Baseando-se nas forças centrípetas e centrífugas, Bakhtin concluiu que todas as vozes, em formação social, estão ligadas ao poder. Isso porque o poder sempre esteve presente na nossa sociedade. Sempre houve o dominado e o dominador. Encontramos isso em todos os âmbitos da sociedade, seja a mulher em relação ao homem, o pobre em relação ao rico, as culturas marginais em relação à cultura “erudita”. Portanto, todo enunciado carrega em si o

conflito entre as vozes sociais, entre os poderes e nunca haverá uma neutralidade nessa disputa.

O dialogismo, segundo Beth Brait (1997), ora é “o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”, ora é a forma que o “*eu* e o *outro* se relacionam por meio de processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos” que, por sua vez, constituem e são constituídos pelo o discurso. Desta relação, entre o *eu* e o *outro*, é que apresentaremos, a seguir, o quarto conceito que será utilizado neste trabalho: a alteridade em sua relação intrínseca e inseparável com a identidade.

A alteridade está presente em todos os conceitos apresentados até este momento, visivelmente encontrada, principalmente, nos conceito como dialogia e estilo, já que para todos estes é necessário a presença do *outro*. É na alteridade que os indivíduos se constituem, porém não há na concepção do Círculo um momento em que o sujeito esteja plenamente constituído, porque o contato social ininterrupto — por meio de interações, palavras e signos — não permite o acabamento². Esta incompletude constante do sujeito se dá porque para ser completo é necessário o *outro* e este *outro* pode está no por vir, além do mais, é no *não-eu* que encontramos o excedente de visão (BAKHTIN, 2010), ou seja, é nele que encontramos a “experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele” (GERALDI, 2010, p. 107). Assim, a nossa completude não está em nós mesmos e também não está no *outro*, nos aproximamos do acabado-impossível na relação com o *outro*, na alteridade.

diante do outro, estou fora dele. Não posso viver a vida dele. Da mesma forma que ele não pode viver a minha vida. Mesmo para compreender o outro, vou até ele, mas volto ao meu lugar. Apenas do meu lugar, único, singular, ocupado apenas por mim, é que posso compreender o outro e estabelecer com ele uma inter-ação. (GEGe, 2009, p. 47)

É do nosso lugar social, político, histórico e, portanto, único em que encontramos com o *outro*, de modo que, segundo Bakhtin (2010), é “impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições”.

Assim, este fato nos conduz a presumir uma relação que é determinada tanto por afinidade quanto por antipatias, ou seja, no momento de encontro com o outro criamos afinidades com certas vozes sociais que integram nosso discurso às quais nos identificamos pelas similitudes políticas, sociais e históricas. Na mesma medida, nos defrontamos com

vozes sociais que procuramos contradizer, por não nos identificarmos política e socialmente, mas de todo modo, essas vozes estão presentes em nosso discurso, mesmo que seja para negá-las.

Este fato justifica-se por conta do modo que nosso discurso é construído a partir das palavras provenientes de escolhas valorativas baseadas em critérios éticos, políticos, religiosos, ou seja, ideológicos. Essas características estão intrinsecamente

[...] influenciadas pela participação deles (*sujeitos*) em diferentes comunidades de prática, ao mesmo tempo em que revelam as identidades por eles constituídas no decorrer das interações com o(s) outro(s) nessas comunidades. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas, o diálogo pode se tornar um espaço para (re)construção de identidades para todos os participantes envolvidos. (PINHEIRO, 2008 – grifo nosso).

Portanto, a construção da identidade dos sujeitos é variante e nunca se encontra plenamente acabada, uma vez que estamos sempre em constante interação com diferentes vozes sociais em contextos históricos e políticos que se transformam incessantemente.

² Termo Bakhtiniano que segundo João Wanderley Geraldi (2010), dentro de uma perspectiva do campo ético (da vida), nosso acabamento atende a uma necessidade estética (arte) de totalidade e essa estética só nos é dada pelo outro num processo de criação. Assim, se estou vivo, tenho um por vir e, portanto, sou inacabado.

2. LITERATURA MARGINAL: EXPRESSÃO DAS VOZES MARGINALIZADAS

A literatura separada do povo, morre – o proletariado excluído da vida espiritual, perde sua dignidade. (GRAMSCI, 1982, p.85).

Segundo Rodriguez (2003) a convergência histórica de três elementos essenciais é fundamental para o entendimento da constituição da vertente literária denominada literatura marginal: a) a diminuição progressiva da taxa de analfabetismo³, que possibilita a permeação pelas diversas estratificações sociais da prática de escrita; b) a crescente disseminação da cultura *hip-hop*, principalmente do rap com suas letras de caráter contestatório, reivindicatório e de denúncia social; c) o sucesso do romance *Cidade de Deus* (1997), escrito por Paulo Lins, que insere no meio literário a visão do morador da favela sobre a sua própria experiência de sobreviver nos espaços marginais e marginalizados da sociedade brasileira.

A vida na periferia passa a ser o ambiente sistematicamente representado pela literatura marginal, por meio de personagens fictícios provenientes de um espaço real. A vida nas favelas – camuflada e escondida pelo discurso da ideologia dominante – onde estão 75% (SCHOLLHAMMER, 2007) da população urbana, encontra nesta literatura porta-voz legítimo de uma cultura riquíssima, porém ignorada pela cultura afluenta. Segundo o *Manifesto de abertura: Literatura Marginal* (2006) escrito por Ferréz, a literatura marginal “se faz presente para representar a cultura de um povo, composto por minorias, mas em todo uma maioria”.

De maneira inédita, a literatura marginal quebra com o paradigma da “verticalidade da estrutura das nossas relações de poder” (HOLLANDA, sem datação) e divulga a

detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida. Já não se trata mais da favela idealizada e separada do asfalto, mas da violência aberta e do inconformismo existentes nos novos conjuntos habitacionais (HOLLANDA, sem datação)

De modo geral, podemos perceber a apropriação da palavra escrita como método de engajamento político e crítica social por parte dos escritores. A palavra tem, neste e em todos os casos, o papel de *indicador* mais sensível de transformações sociais, ela é capaz de registrar as mais efêmeras mudanças sociais (BAKHTIN, 2010, p. 42). É possível notar a importância dos elementos utilizados para a constituição da linguagem desses escritores: o

³ BARROS, Ricardo. *Analfabetismo no Brasil*. Trabalho publicado no site do Instituto de Estudo do trabalho e sociedade (IETS). (http://www.iets.org.br/biblioteca/Analfabetismo_no_Brasil.pdf). Acessado em 28 de julho de 2012.

uso de gírias e expressões, a forma despojada e simples de utilizá-las, traços da modalidade oral da língua e a junção de elementos híbridos que podem ou não ser considerados literários⁴.

Neste contexto, emerge como questão essencial a disseminação da literatura por meio de uma forma homogênea de distribuição. Não há uma desvalorização da chamada literatura canônica, mas sim, uma crítica quanto à forma de institucionalização do ensino de tal disciplina. A escola tem este papel, mas quem o executa de maneira mais pungente são, em grande maioria, instituições privadas, o que exclui, deste modo, sujeitos que vivem à margem da sociedade de consumo. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda (sem datação), ao participar do Seminário Cultural e Desenvolvimento, Ferréz declarou:

(...) Quero entrar para o cânone, para a história da literatura como qualquer um dos escritores novos contemporâneos. E não acho também que minha comunidade deve se limitar à minha literatura, ela tem o direito de ter acesso ao Flaubert.

Ou seja, há interesse em fazer parte da literatura “tradicional”, institucionalizada, mas sem abrir mão da *materialidade verbal*⁵ (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2010, p. 43) que define e identifica a literatura marginal.

A temática central desta literatura expressa traços verossímeis da realidade de sujeitos marginalizados, como, por exemplo, a dificuldade de sobreviver em espaços urbanos em meio à presença do poder paralelo ou com a omissão do Estado, o convívio com o crescimento avassalador da desigualdade social, o aliciamento de jovens, que diante desta desigualdade, se rendem ao tráfico de drogas e ao crime organizado, com o intuito de alcançar condições melhores de existência ou, até mesmo, o desejo de adquirir determinados bens materiais identitários— difundidos por meio da mídia de massa — compatíveis com as camadas dominantes. Neste último ponto, portanto, auferimos que por meio desta literatura

pela primeira vez na História, em alto e bom som, o pobre afirma seu desejo e direito ao consumo dos mesmos bens materiais e simbólicos, historicamente usufruídos apenas pelas classes médias e altas. Ele quer o tênis Nike de última geração tecnológica, assim como quer o acesso à informação especializada e à alta cultura. (...) talvez nós, intelectuais e artistas de classe média, ainda não estejamos preparados. Na nossa fantasia perversa aceitamos que o pobre sonhe com um Nike, mas não com Flaubert (HOLLANDA, sem datação).

⁴ Tais características serão mais bem explicitadas, posteriormente, no capítulo destinado às análises dos textos dos escritores de literatura marginal.

⁵ Segundo Bakhtin (2010) a psicologia do corpo social, a junção entre estrutura sociopolítica e ideologia, se materializa no âmbito verbal.

É imprescindível termos em mente que esta temática deve ser analisada a partir de seu fator de caráter ideológico, caráter esse que se dá pela influência das condições e elementos da realidade social externa que se integra mutuamente com o âmbito artístico, de forma que, a realidade social dos sujeitos marginalizados se une reciprocamente com o ato formal da literatura marginal a tal ponto que separações como: forma e conteúdo ou teoria e história (VOLOSHINOV, 1927) tornam-se imperceptíveis.

Os autores desta literatura são sujeitos constituintes e constituídos pela marginalidade, o que gera uma “autenticidade” desta representação artística. Tal representação, muitas vezes revestida pela violência⁶, atrai a atenção do público “padrão”, “acrítico” e “sensacionalista” (ESLAVA, 2004) que, tendo-a em seu domínio, banaliza-a e a transforma-a em espetáculo⁷, esvaziando seu sentido crítico e contestatório. Contraditoriamente, não encontramos estas obras em prateleiras de *best-sellers* ou, facilmente, em qualquer livraria. Tal contradição é analisada por Fernando Villarraga Eslava (2004) ao demonstrar que a literatura marginal não alcança êxito por conta de sua linguagem coloquial e específica, pois ainda carregamos o fardo do conceito de literatura ligado à linguagem tradicional, “sublime” que, por sua vez, está atrelada a sociedade de consumo e seus arautos da indústria cultural⁸. Portanto a ausência destas obras nas prateleiras demonstra que os leitores desta vertente tradicionalista esperam uma linha estética compatível com esses interesses.

⁶ Segundo Hollanda, a violência é retratada nesta Literatura como uma condição de vida dos personagens. Estas personagens são sujeitos comuns que tem emoções, amam e buscam a felicidade, da mesma forma que sujeitos não-marginizados. Para o leitor tradicional, que não vive no cenário do crime, é uma forma de identificação ou, pelo menos, de entendimento com a personagem que pratica a agressão e violência.

⁷ Para uma análise contundente sobre o conceito de *espetáculo* ver o livro de Guy Debord escrito em 1967 *A sociedade do espetáculo*. DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁸ Conceito formulado pelos estudiosos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, em especial por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, que diz respeito a um conjunto de práticas que determina toda produção de bens culturais de forma mais ou menos planejada, já que os produtos determinam o consumo e o consumo reproduz esta determinação em um processo infinito.

2.1. Vozes virtuais: a prática de escrita nos *blogs* sobre literatura marginal.

Por conta desta regulação tradicional de edição e de distribuição de livros, citada acima, os autores de literatura marginal buscam divulgar suas obras por meio de agentes culturais — *Ong's*, centros de mídias comunitários e independentes— e de mecanismos paralelos de distribuição de livros. A *internet* é ferramenta essencial neste contexto editorial, por não funcionar de modo hierárquico e centralizado e por alcançar diversos níveis de camadas sociais.

Tendo em vista a urgência de democratizar as práticas e os usos da palavra escrita, a *internet* torna-se um *espaço de possibilidade* que permite gestar um mundo de discursos que porá em confronto diferentes formas de dizer, de compreender e diferentes formas de hegemonias e subalternidades (GERALDI, 2004).

Nos *blogs*, mais especificamente, os autores de literatura marginal encontram um espaço de divulgação de textos inéditos e de suas obras, de exposição de ideias e ideais, e de propagação da literatura marginal como um todo, além de desenvolver a prática da escrita. O sujeito-autor encontra não somente o reconhecimento social de sua autoria, mas também a possibilidade de constituição dessa autoria em sua prática de escrita.

3. Análises dos *blogs*

Os três *blogs* que analisaremos a seguir foram escolhidos por se destacarem no que diz respeito ao tema proposto deste trabalho: a presença da alteridade nos discursos sobre a literatura marginal. Além dos *blogs* serem atualizados por autores de destaque desta literatura, Sérgio Vaz e Ferréz. Os *blogs* são “Literatura marginal” (editorialiteraturamarginal.blogspot.com.br) e os *blogs* pessoais dos escritores Sérgio Vaz (coleccionadordepedras1.blogspot.com.br) e Ferréz (ferrez.blogspot.com.br).

O *blog* da editora “Literatura marginal” é atualizado pelo seu criador, Ferréz, nele serão analisados o *post* *Manifesto de abertura: literatura marginal* (2006), escrito por Ferréz. Tal texto foi selecionado por encontrarmos ali um conteúdo contestatório, condizente com o gênero manifesto e por encontrarmos de maneira muito perceptível a identidade destes escritores, que se constrói na convivência com o *outro*. Além do texto, analisamos os cinco comentários das duas vezes que este texto foi vinculado neste *blog*. Os comentários é uma das formas que percebemos o *outro* dentro deste contexto — por ser um espaço “aberto” de manifestação do internauta/leitor. Para a análise, utilizaremos os conceitos bakhtinianos de estilo, ideologia e dialogia, todos circundados pela alteridade.

Analisaremos os *blogs* pessoais de Ferréz, um dos principais nomes da literatura marginal contemporânea, autor dos livros *Fortaleza da desilusão* (1997), *Capão Pecado* (2000), *Manual prático do ódio* (2003) entre outros, e de Sérgio Vaz, figura de suma importância quando se trata de literatura marginal. É escritor e idealizador de um dos principais e mais antigos saraus da periferia de São Paulo, o *Cooperifa*

No *blog* de Ferréz analisamos a sessão “perfil” e a relação desta com a postura do escritor em publicações de alguns de seus *posts*. Esta sessão nos interessa, pois nela encontramos o autor dizendo de si mesmo, ou seja, mostrando de que maneira ele quer ser visto pelo *outro*. Já no *blog* de Sérgio Vaz utilizamos como objeto de análise a postagem *Os dias que não doem* e a foto que ilustra a postagem. Neste textos (verbal e não-verbal), encontramos de diversas formas o *outro*, seja pelo diálogo com outros momentos literários, seja pela afirmação da própria identidade da literatura marginal.

3.1. *Blog*: Editora de Literatura marginal.

O texto que analisamos é veiculado no *blog* da editora *Literatura marginal*, escrito por Ferréz e originalmente publicado no livro organizado pelo mesmo autor intitulado

Literatura marginal: Talentos da escrita periférica (2005), cujo nome é *Manifesto de abertura: literatura marginal*. Tal texto foi publicado duas vezes neste *blog*, em outubro, como publicação inaugural, e em dezembro de 2006. Atualmente, o *blog* não possui atualizações constantes, sendo que a última atualização está datada em agosto de 2011, a página é administrada pelo próprio Ferréz.

O *blog*, embora não seja explicitado, nos parece ter como proposta seu uso como forma de divulgação desta literatura, já que encontramos diversos textos de diferentes autores, como: Eduardo (cantor de rap do grupo Fação Central), Gato Preto, Erton Moraes, Dona Laura, entre outros.

A página possui uma diagramação simples, apenas com o logo da editora na parte superior da página, os textos encontram-se ao centro, ao lado esquerdo temos uma espécie de arquivo com os textos já publicados, nota-se que são poucos os textos, logo são poucas as publicações neste *blog*.

Como já dito, será analisado o texto postado em outubro e dezembro de 2006, além dos respectivos comentários dos internautas. Portanto, a análise se dividirá em dois momentos, em um primeiro que contará com a análise do texto e em um segundo momento com a análise dos comentários.

3.1.1. Manifesto de abertura: literatura marginal

A escolha deste texto⁹ se deu porque encontramos neste texto elementos importantes que ajudam a compreender melhor a temática e a identidade dos escritores desta literatura. O texto foi escrito por Ferréz e publicado, primeiramente, no livro *Literatura marginal. Talentos da escrita periférica* (2005) e reproduzido, posteriormente, pelo próprio autor no *blog* da editora.

Para analisá-lo utilizaremos para tanto o conceito de *estilo* desenvolvido pelos autores do Círculo de Bakhtin. Assim, partimos da análise, em um primeiro momento, da linguagem específica do gênero discursivo Manifesto e, posteriormente, da análise do uso de pronomes pessoais e possessivos, gírias e a presença da linguagem oral no texto escrito. Pretendemos, por meio desse viés analítico, demonstrar como o autor estabelece sua identidade com a de um grupo específico de um determinado contexto social, político e ideológico.

No *Manifesto de abertura: Literatura Marginal*, Ferréz atua na escrita transpondo elementos linguísticos específicos originários do espaço em que vive — a periferia de São

⁹ Ver texto na íntegra no anexo A.

Paulo — e expando um conteúdo compatível comum com a realidade daqueles que sofrem pela exclusão cultural, social e econômica de setores públicos e privados nas periferias de todo o país.

O autor demonstra seu *estilo* por meio da própria escolha do gênero discursivo *Manifesto* que possui, em sua constituição histórica, um caráter reivindicatório e de ruptura, neste caso, com uma cultura dominante e com a literatura canônica, produzidas a partir do reflexo/refração das manifestações superestruturais (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010).

Além do gênero do discurso, outra distinção perceptível do *estilo* é a influência da modalidade oral da língua no texto escrito (*us, outra coisa, negô, дума, loco, prus, cês, nós*) e o uso constante de gírias (cala a boca, o barato, mudar a fita, meu tio, estamos na área). Tal característica linguística, não encontrada facilmente em outras literaturas, principalmente, naquelas ditas “tradicionais”, é um elemento determinante para percebermos as vozes sociais de um *outro* que também compartilha as realidades do mesmo ambiente vivido pelo escritor e, portanto, leitor de seus textos.

O vínculo com o leitor torna-se ainda mais forte quando o autor utiliza o pronome de primeira pessoa do plural (nós), assim como o uso do termo *a gente*, se considerado como forma pronominal, para compartilhar a realidade social do sujeito *eu* (autor) com a realidade do *não-eu*, um *outro*, mas do *outro* semelhante (*o preto, o pobre, o povo, a classe menos beneficiada com dinheiro, autores do gueto*) determinado por uma visão de mundo de um grupo específico. Este ato faz com o leitor se torne cúmplice, contemplado e pertencente àquele discurso.

Contrapondo-se à aproximação do leitor ao *outro* por meio dos pronomes, percebemos no texto de Ferréz, a insistência em manter distanciamento de determinado *outro*, aquele pertencente à classe dominante, *aos donos da casa grande*. Esta escolha se faz valer pela opção do uso de pronomes pessoais e possessivos da terceira pessoa do singular e plural (*deixamos eles marcarem nossas peles, não precisamos de sua legitimação, sua negação não é novidade, colocamos em suas mãos*).

No caso do uso do pronome *você*, ora encontramos no texto o termo referindo-se ao “outro *outro*” (*e isso vocês podem negar, você não entendeu?*), ora o encontramos utilizado de forma mais ampla e genérica de modo que o pronome não se claramente aos sujeitos já citados (*nesse país você tem que sofrer boicote, muita paz se você merecê-la*).

3.1.2. Comentários presentes na postagem

Como já dito, este texto foi publicado duas vezes neste *blog*, os comentários analisados serão aqueles contidos em ambas as publicações, tanto na do dia 6 de outubro de 2006, quanto na de 1 de dezembro de 2006. Os dois primeiros comentários (1 e 2) foram retirados da primeira postagem e os comentários seguintes (3, 4 e 5) foram retirados da postagem de dezembro de 2006, aqui estão:

1. Cassita disse:

Ferréz,

O que a sua literatura – Marginal em 2008 – difere da literatura marginal produzida nas décadas de 60 e 70???

2. FABIO disse:

Muito boa postagem mano.

É isso aí.

Deixa a burguesada não entender.

Um dia quem sabe entenderão.

Enquanto isso posso publicar essa excelente postagem no meu blog, dando é claro o devido crédito daonde foi tirado?

3. Ana Lúcia Rocha said:

[pedindo antecipadamente desculpa pelo despropósito do comentário e agradecendo a hipótese de divulgação]

Colectânea de contos lésbicos feministas. Envio de trabalhos para anabelarocha2005@gmail.com até 31 de Maio de 2007.. Tamanho: entre 3 a 20 páginas A5. Género: não totalmente poético, nem totalmente jornalístico - no entremeio vale tudo:) . O que é lésbico e feminista em português? Diga-me você. Um conto por autora

Aceitam-se pseudónimos. A motivação do projecto é alargar o espaço do dizível de sensibilidade lésbica na língua portuguesa, aceitando e desejando contribuições de lésbicas falantes de português em todo o mundo.

Mais detalhes em http://zonaqueer.no.sapo.pt/contos_lesbicos.htm

Lúcia Rocha

4. marmega said:

Oi tudo bem, o meu nome e' Marzia Milazzo, sou estudante de doutorado em literatura comparada na University of California, Estados Unidos. Recebi o livro "Literatura Marginal" para o meu aniversario e quero os dizer que adorei mesmo o projeto e todas as poesias e contos do livro. Parabens para voces, continuem assim. Espero que vai ter mais livros porque gostei tanto que estou pensando em escrever um trabalho sobre o projeto de voce e fazer analisis criticas das suas obras.

Um beijo!

Marzia

9:25 PM

5. lilian said:

Caraca, adorei o blog e embora não tenha o livro, vou procurar por ele. Faço um trabalho de integração de jovens carentes e a crítica que vocês mostram em seus textos são muito boas. A variante linguística, as adequações regionais e culturais, fiquei simplesmente impressionada.

Sou estudante de Letras, por que recebi uma bolsa para isso. Moro também na periferia de minha cidade e sei de cada dificuldade que o povo menos favorecido é tratado, e vejo muito de perto todo tipo de preconceito sofrido pelos negros e e principalmente negars com quem tenho convívio.

Parabéns a vocês pelo tapa na cara da sociedade que teima em tentar esconder nossas faces do mundinho fechado em que vivem os "donos" do poder.

Muita força nesta caminhada...

Lee Carvalho

Nos comentários¹⁰ encontramos elementos interessantes no que diz respeito à heterogeneidade dos internautas e de que forma esta heterogeneidade se mostra dentro deste “espaço de possibilidade” que é a internet.

No comentário (1) temos uma internauta que se apresenta como Cassita que indaga às diferenças entre a literatura marginal evidenciada no texto de Ferréz tendo em vista a literatura marginal da década de 60, 70, conhecida também como poesia marginal que possui como maiores expoentes os escritores Chacal, Cacaso e Paulo Leminski.

Percebemos que a internauta não conhece a literatura apresentada por Ferréz, porém demonstra que conhece outro movimento literário pertencente a outro momento histórico e expõe tal informação em forma de pergunta. A internauta não vê a literatura marginal com uma identidade, por isso recorre a outros períodos literários, outros autores. O *blog*, por conta de suas singularidades, cria a oportunidade de diálogo direto entre o leitor de textos e o sujeito que escreve, cria-se o confronto entre realidades e conhecimentos diferentes.

No comentário (2) temos a afirmação da identidade desta literatura por uma pessoa que se identifica com ela, por alguém que também faz questão de se distanciar da “burguesada”, assim como Ferréz faz em sua postagem. Além da afirmação, vemos no comentário de Fabio o aspecto de divulgação desta literatura. O internauta questiona se ele pode “publicar essa excelente postagem no meu *blog*, dando é claro o devido crédito daonde foi tirado?” evidenciando o caráter autoral, os créditos de quem publicou tal texto e onde tal texto é encontrado. Temos aqui a importância do autor para a compreensão do conteúdo e da forma de tal texto que pertence a um movimento literário: a literatura marginal.

¹⁰ Não foram feitas correções nesses comentários.

No primeiro comentário publicado na postagem do dia 1 de dezembro de 2006 (3) vemos como o *blog*, especificamente, aqueles que tratam de temas relacionados à literatura tornam-se um espaço de divulgação, não só da literatura marginal, mas de outras literaturas, principalmente aquelas que não fazem parte do universo canônico, como por exemplo os “contos lésbicos feministas”. O comentário feito por Ana Lucia Rocha faz menção a uma coletânea que tem como objetivo angariar contos com uma determinada temática para uma futura publicação.

Os dois últimos comentários (4) e (5) foram feitos por estudantes de áreas correspondentes à literatura e lingüística, no comentário (4) percebemos que a internauta que se apresenta como Marzia, estudante de doutorado na Universidade da Califórnia, se interessa pela literatura marginal a ponto de estar “pensando em escrever um trabalho sobre o projeto” dos escritores marginais, assim como no comentário de Marzia, temos no comentário (5) uma estudante do curso de letras que reconhece nos textos apresentados pela literatura marginal “variantes lingüísticas, as adequações regionais e culturais”, vemos nesses dois comentários o interesse da academia, seja presente pela aluna de doutorado, seja pela aluna de graduação, na literatura marginal. Assim, o *blog* sobre literatura marginal não apenas alcança os sujeitos que constituem os espaços marginais da sociedade contemporânea, mas também os sujeitos que constituem espaços que são destinados ao tradicional, ao canônico que se dá por meio do conhecimento institucionalizado.

Percebemos que os comentários feitos pelos internautas apresentam posturas diversas de sujeitos que se identificam com o *post* de maneiras diferentes, ou que se identificam com o *blog*, no caso do comentário (3).

3.2. **Blog: Ferréz**

Fazemos neste item uma análise do *blog* do escritor Ferréz, que está disponível no endereço virtual www.ferrez.blogspot.com. O *blog* de Ferréz foi criado em outubro de 2004 e desde lá é constantemente atualizado pelo autor com textos de sua autoria, sejam eles ficcionais, literários, relatos de experiências, críticas sociais e políticas sempre baseadas na realidade em que vive. Além de textos, o autor utiliza o *blog* pessoal para divulgar sua agenda em eventos, sua marca de roupa, projetos sociais que faz parte, a literatura marginal como um todo, assim como a divulgação da cultura do *hip-hop*.

A página possui uma diagramação simples e limpa. No lado direito temos os *links* para acessar as redes sociais do autor como o *Facebook* e *Twitter*; *links* que direcionam o

internauta para os *posts* mais lidos; propaganda dos livros do autor, do seu selo editorial e do projeto social que é desenvolvido por ele; textos recentemente publicados no *blog* e uma lista de leitores e comentários. No topo da página, encontramos o logotipo do autor que é composto pelo nome e acentuado pela haste de um par de óculos, embaixo temos *hiperlinks* que direcionam o internauta para páginas do próprio *blog* que trazem informações sobre *Livros*, *Palestras* e o perfil do próprio *Autor*. Este último será objeto da análise desenvolvida a seguir.

3.2.1. Perfil

Em um artigo publicado nos anais do IX encontro do CELSUL, denominado “Identidade e práticas de escrita em *blogs*: Reflexões sobre o fazer literário na *internet*”, Mendonça (2010) nos apresenta uma análise dialógica de perfis em *blogs*. Utilizaremos tal análise como suporte para nos debruçarmos sobre o perfil presente no *blog* de Ferréz.

A página de perfil do autor tem em seu topo uma foto em sépia, tendo como fundo uma estante de livros, o autor é retratado em postura compenetrada, escrevendo, em uma mesa onde se espalham livros e um tinteiro. A postura do autor, a estante de livros, e o anacrônico tinteiro sobre a mesa fazem com que o retrato assemelhe-se aos retratos de escritores de outras épocas. Conferem ao autor uma autoridade imagetivamente canônica, ou uma pretensão a isso — mesmo que destoem, nesse retrato propositalmente antiquado, as roupas modernas e despojadas do escritor. Segue abaixo o perfil encontrado no *blog* do autor:



Figura 1 — Foto do “perfil” do *blog* de Ferréz.

Paulistano de 32 anos, Ferréz começou a escrever aos 12 anos de idade, acumulando contos, versos, poesias e letras de música. Antes de se dedicar exclusivamente à escrita, trabalhou como balconista, auxiliar-geral e arquivista. Seu primeiro livro *Fortaleza da Desilusão* foi lançado em 1997 (edição do autor). Mas foi com *Capão Pecado*, que se firmou como um dos melhores escritores da sua geração.

Apelidado pelos leitores como “o romancista da traição” depois de ter lançado o romance *Manual Prático do ódio*, o infantil, *Amanhecer Esmeralda* e o livro de contos, *Ninguém é inocente em São Paulo - todos pela Objetiva*. O autor teve suas obras traduzidas na Itália, Alemanha, Portugal, Espanha e Estados Unidos.

Ligado ao movimento Hip Hop é fundador da 1DASUL (marca de roupa totalmente feita no bairro).

No cinema e TV, *Os inimigos não levam flores* foi adaptado para a TV e para os quadrinhos. Além disso, escreveu roteiros para o filme *Brother* e os seriados *Cidade dos Homens (02)* e *9MM (Fox)*.

Ferréz foi colunista da revista *Caros Amigos* durante 10 anos. É também conselheiro editorial do *Le Monde Diplomatique Brasil*. Compositor e cantor, já teve suas músicas gravadas por vários artistas e lançou dois CDs.

Em 2009, produziu o documentário *Literatura e Resistência*, de 58 minutos, que trata dos 11 anos da sua carreira - o documentário saiu em dvd pelo Selo Povo. Seu livro mais recente é o romance *Deus foi almoçar*, lançado pela Editora Planeta.

Em sua prosa ágil e seca, composta com doses igualmente fortes de revolta, perplexidade e esperança, Ferréz reivindica voz própria e dignidade para os habitantes das periferias das grandes cidades brasileiras.

Vive no bairro do Capão Redondo em São Paulo, com esposa e filha.

O perfil, escrito em terceira pessoa, confere um tom de biografia, o que completa a imagem idílica do retrato envelhecido virtualmente. Essas características acabam por

aproximar o autor do *blog* de elementos comuns da literatura canônica, de livros publicados. Mendonça, em sua análise sobre o *blog* “Bar do escritor” observa essas mesmas características e afirma que tal aproximação é fundamental na sociedade de consumo:

É interessante ainda comentar que, no Blog Bar do Escritor, a maioria dos “miniperfis” apresentam-se em terceira pessoa, aludindo aos volumes impressos que, suportes privilegiados da veiculação da literatura canônica contemporânea, utilizam informações sobre autores em contracapas ou orelhas. A função desses enunciados é fundamental na sociedade de consumo, em que o livro deve ser acompanhado daquilo que o ajuda a ser consumido: cores, formas, cheiros e, o caso aqui em pauta, a propaganda do autor. O consumo precisa de um autor. Nos blogs, também. Dessa forma, também aqui o novo se reveste da tradição, na mesma conjuntura histórico-ideológica. (MENDONÇA, 2010).

O falar de si, em terceira pessoa, além de ser uma forma de se identificar com a literatura canônica, é uma maneira de induzir o *outro* a construção de uma identidade do autor, que ele mesmo constrói, de acordo com seus interesses.

3.3. Blog: Sérgio Vaz.

O último *blog* analisado neste trabalho é de Sérgio Vaz disponível no endereço virtual *coleccionadordepedras1.blogspot.com.br*. Sérgio Vaz é uma figura emblemática quando se trata de literatura marginal. É escritor e idealizador de um dos principais e mais antigos saraus da periferia de São Paulo, o *Cooperifa* que acontece todas as quartas-feiras desde 2001 no bar do Zé Batidão, situado na zona sul da capital paulista, apelidado pelo autor em suas postagens como *La bomboneira da poesia*¹¹.

Além do sarau, Sérgio Vaz organiza outros encontros culturais – todos na periferia — como a Semana de Arte Moderna da Periferia, a Mostra Cultural da Cooperifa, a Poesia no ar, a Chuva de Livros, o Cinema na Laje, entre outros eventos.

Estes encontros culturais estão se tornando comuns nas periferias e percebe-se uma preocupação destes organizadores em aproximar os sujeitos que vivem neste espaço marginalizado da poesia de modo geral e, assim, estimular aqueles que estão à margem a discutir e denunciar sua realidade utilizando para tanto sua própria arte.

Sérgio Vaz publicou diversos livros, dentre os quais podemos destacar *Coleccionador de pedras* (2011) e *Literatura, pão e poesia* (2007).

¹¹ Esta definição é encontrada na postagem do dia 29 de junho de 2012, disponível em <http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/2012/06/o-ze-batidao-e-la-bomboneira-da-poesia.html>.

O atual *blog* pessoal de Sérgio Vaz (coleccionadordepedras1.blogspot.com) foi criado em dezembro de 2009, porém existe outro domínio, também controlado pelo mesmo autor, no endereço (coleccionadordepedras.blogspot.com) que deixou de ser atualizado, por problemas técnicos. Este outro *blog* constantemente atualizado desde sua criação em outubro de 2005, foi utilizado até agosto de 2009.

Este escritor de literatura marginal utiliza seu *blog* como uma ferramenta que visa ampliar o alcance de seus escritos. O *blog* funciona como um espaço de divulgação de textos (sejam seus próprios escritos ou de outros autores), de propaganda de seus livros e de projetos sociais vinculados à comunidade em que vive. Além de textos verbais, o escritor publica diversas fotos que retratam seus projetos sociais: imagens da distribuição de livros na periferia, de palestras que ministrou, do sarau da Cooperifa, entre outros momentos da vida social.

A página possui uma diagramação simples. Não há como no *blog* de Ferréz um espaço de apresentação, um perfil do autor. Na parte superior, encontramos o título do *blog* na cor alaranjada, abaixo há o nome do autor e ao lado as palavras *vira-lata da Literatura* — o que nos parece uma autoexplicação de quem ele é e de que modo ele pretende ser visto — por fim vemos seu e-mail para contato. Do lado direito da página lista-se o arquivo de postagens, seus seguidores e *links* para páginas de redes sociais: o *Facebook* e o *Twitter*. No centro situam-se as publicações.

3.3.1. Os dias que não doem.

Analisaremos a seguir o texto postado por Sérgio Vaz em junho de 2012 denominado *Os dias que não doem*¹². Este texto integra o livro *Literatura, pão e poesia* publicada em 2007, cuja referência foi colocada no *post*, ao fim do texto, juntamente com o nome da editora. Embora o texto esteja publicado em formato de livro, percebemos traços que se aproximam de um relato, de uma confidência, seja por conta da utilização dos verbos na primeira pessoa do singular, como nos seguintes trechos “(...) A Lua sabe do que estou dizendo (...)” ou pela própria temática perceptível no início do texto: “(...) a noite de ontem foi simplesmente inenarrável”. Ambas as características são compatíveis com a veiculação de textos em *blogs*.

A postagem faz menção aos saraus da *Cooperifa*, que em todas as quartas-feiras reúne diversas “vozes” em prol da literatura. O texto relata uma determinada noite, a noite anterior

¹² Ver texto na íntegra no anexo B.

ao ato da escrita, “a noite de ontem”, mas percebe-se durante a leitura que tal acontecimento não é um fato isolado, mas um fato comum a todas as quartas-feiras no bar do Zé Batidão.

Assim como no manifesto escrito por Ferréz, percebemos de maneira muito presente o caráter contestatório e, principalmente, ideológico da publicação quanto à dominação cultural e econômica da classe afluenta. Assim, para o autor, é por meio da arte, da literatura e da palavra que aqueles sujeitos marginalizados pela classe dominante, pertencentes à classe dominada, encontram a sua liberdade:

E cada um que recitava sua poesia era como se lançasse um grito, para que se juntasse a outros gritos, na intenção que todos esses gritos acordasse a humanidade. Você ouviu? Eram muitos os que gritavam, homens simples, mulheres dignas, uma gente a quem o capital insiste em escravizar, mas um povo que não admite ser escravizado [...] É letra que corre sim pelas calçadas de chinelo de dedos, mas só que não tem varizes nem frieiras, e não deixa pegadas. A Palavra livre nos torna livre. Livres, entendeu? (VAZ, 2012).

Para qualquer atividade ideológica¹³ é necessário, de forma fundamental, a palavra. Tendo o trecho acima em vista, parece-nos que o autor entende de qual lugar social e político ele se pronuncia: daquele espaço em que os sujeitos são “escravizados” pelo “capital”. Estes sujeitos são os “homens simples”, as “mulheres dignas” que andam por aí de “chinelo de dedos”, mas que apesar da simplicidade não se conformam com esta “escravidão” e por não se conformarem se apegam à palavra, mas não a qualquer palavra, à “Palavra livre” com letra maiúscula, aquela que se contrapõe à força espiritual dominante¹⁴, àquela preenchida pelos valores ideológicos que circulam nestes espaços marginais fazendo com que os sujeitos que ali vivem passem a ser constituídos por “Palavras livres” e de forma dialógica, conseqüentemente, possam se tornar sujeitos livres.

Outro aspecto interessante neste texto é o fato de encontrarmos diálogos com alguns escritores brasileiros de outros períodos históricos. João Cabral de Melo Neto aparece no texto de forma marcada no discurso: “era como se ouvíssemos o Poeta João Cabral de Melo Neto recitando, depois da dona Edite, ‘um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos’” (VAZ, 2012). Aqui o autor faz menção direta ao escritor do poema *Tecendo a manhã*:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo

¹³ Ver página 12 deste trabalho.

¹⁴ Termo já utilizado neste trabalho no capítulo *O Círculo de Bakhtin* refere-se ao conceito de ideologia de vertente Marxista.

que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos [...] (MELO NETO, 1997, p. 15).

O texto de Sérgio Vaz contém outros diálogos com o poema do escritor modernista da geração de 45, como, por exemplo, a incorporação do termo “grito” que se junta à construção da figura de junção de vozes que se tornam uma única voz, porém potencializada pela constituição e contribuição individual de cada sujeito, com a esperança do despertar da humanidade em um “amanhã” sem amarras sociais e políticas, ideologicamente condizente com aqueles que sofrem com as injustiças de nosso tempo.

Encontramos no texto de Sérgio Vaz uma relação dialógica com um poema já há muito pertencente ao imaginário poético brasileiro, por conta da amplitude de seu alcance e de sua temática histórica. Trata-se do poema *Navio Negreiro* (1868) do romântico Castro Alves. Vemos nitidamente esta relação no trecho:

Traziam na garganta um grito entalado que vinha das galés do império romano e dos porões dos *navios negreiros* singrados da velha mãe África, e todos vinham carregados de feridas ainda expostas no peito nu, mas não havia lágrimas, apenas o clamor por liberdade. Liberdade! Liberdade! Liberdade! (Ô Povo lindo, ô povo inteligente!). (VAZ, 2012, grifos nosso).

O poeta Castro Alves pertenceu à terceira geração romântica, a geração condoreira.

Esta geração tem como características o engajamento social, no que diz respeito à luta abolicionista, e o sentimento afluído de liberdade (OLIVEIRA, 2010).

Na IV parte do poema *Navio Negreiro* temos a descrição de detalhes da violência praticada contra os homens e mulheres negras; estas aparecem, no poema, desprovidas de roupas, com os seios nus expostos aos abusos de seus algozes:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais... (ALVES, 1966, p. 228)

É possível traçar uma relação entre os dois textos, de modo que, no texto de Sérgio Vaz, percebemos uma continuidade do sofrimento iniciado no período escravista, marcado pela violência contra o negro. Sergio Vaz, ao expor a continuidade desta violência e sofrimento, aponta as profundas consequências sociais deste período ainda nos dias de hoje, nas “feridas ainda expostas no peito nu”, porém o “clamor por liberdade” deve tomar o espaço das lágrimas deste povo sofrido.

A infinda busca pela liberdade também está presente no poema *Navio Negreiro*, seja por sua saudosa rememoração do período antes do brutal sequestro dos negros no continente africano, que se contrapõe à falta de liberdade dos escravos (Ontem plena liberdade, /A vontade por poder.../ Hoje... cúm'lo de maldade, /Nem são livres p'ra morrer [...]. (ALVES, 1966, p. 231)), seja pela a contraposição da bandeira brasileira, pretense símbolo de liberdade, transformada em uma “mortalha” que tremula sobre o absurdo da escravidão

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha! (ALVES, 1966, p.231).

A partir da relação entre os dois textos, podemos auferir que Sérgio Vaz busca nas raízes históricas a força do “grito entalado” na garganta dos sujeitos que vivem em espaços marginais, além de expor categoricamente a posição cultural e geográfica desses sujeitos, o que possibilita ao leitor compreender uma divisão econômica que persiste historicamente até os dias de hoje, os dias que doem, e que têm raízes no preconceito, na exploração brutal e na desumanidade da escravidão.

O *post* do *blog* de Sérgio Vaz é composto de enunciado verbal, o texto, e por um enunciado não-verbal, uma foto:



Figura 2 — Foto do *post* do *blog* de Sérgio Vaz.

A foto foi tirada no bar onde é feito o sarau do *Cooperifa*, nela vemos pessoas, em sua maioria mulheres, algumas de pé, mas a maioria sentada em cadeiras, todos aplaudem, vemos ao fundo, do lado esquerdo um homem que parece estar filmando o que acontece. No centro da foto, destaca-se um homem, o escritor Sérgio Vaz, de costas com uma camiseta branca, com o braço direito estendido para cima, com o pulso cerrado, em um gesto de vitória, como se estivesse comemorando alguma coisa.

O que nos chamou atenção no retrato foi a frase escrita na camiseta do poeta: *Antropofagia periférica*. A frase nos remete ao movimento antropofágico elaborado pelo modernista da primeira geração Oswald de Andrade e exposto no *Manifesto Antropófago* publicado na revista *Antropofagia* em 1928.

Como é sabido, este movimento tinha como objetivo promover o resgate cultural dos povos primitivos, de forma que afirmasse a identidade da cultura brasileira, contrapondo-se às outras culturas ocidentais e a “[...] todos os importadores de consciência enlatada” (ANDRADE, 1996, p.19).

Vaz atualiza o movimento antropófago aos dias de hoje, por meio do adjetivo *periférica*. Tal atitude não é tão vanguardista quanto o movimento modernista de 22, mas ressignifica uma questão ideológica. No início do século XX havia uma necessidade de afirmação e criação de uma cultura legitimamente brasileira. Nos tempos de hoje, especificamente, na periferia, percebe-se a necessidade de afirmação e constituição de uma identidade, não de uma nação, mas de uma classe oprimida à qual ainda é ensinada a cultura de um *outro*, de um ponto de vista da tradição canônica, sem espaço para a reflexão da sua própria cultura. Assim, tal ressignificação nos remete ao ato de saborear, rememorar e saudar a

cultura periférica, marginalizada. Há uma preocupação com a valorização desta cultura tão pouco divulgada pelos meios de comunicação tradicionais. Deste modo, o mentor do *Cooperifa* incita à reflexão quanto à própria cultura, aquela feita por sujeitos marginais e marginalizados.

Com os diálogos traçados com estes três grandes nomes da literatura brasileira (João Cabral de Melo Neto, Castro Alves, Oswald Andrade), percebemos que Sérgio Vaz, contraditoriamente — por pertencer à classe dominada — tem conhecimento dos escritores canônicos da cultura brasileira. Antonio Candido (1988) afirma que determinados sujeitos sociais não são agregados a determinados bens espirituais como, por exemplo, a literatura chamada erudita.

O Fausto, o Dom Quixote, Os lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular. A este respeito o Brasil se distingue pela alta taxa de iniquidade, pois como é sabido temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais necessários à sobrevivência. (CANDIDO, 1995, p.190).

Como vimos, Candido comenta sobre os “altos níveis de instrução” que determinada classe alcança por meio da universidade, da academia. Em *Os dias que não doem* o autor expõe por meio de um discurso marcado o preconceito de tais sujeitos “instruídos”, o *outro* o qual ele faz questão de se distanciar:

Um dia um intelectual disse que éramos exóticos, só porque pegávamos ônibus lotado e gostávamos de poesia: “Como pode esses ornitorrincos gostar de literatura?” - ironizou o homem da academia, levantando os halteres das letras para que outros dos seus também exercitassem a arrogância. Nesse caso, os sábios cantam como sabiás, mas dançam como caranguejos - nada contra os caranguejos. (VAZ, 2012).

Neste trecho encontramos uma bipolarização da sociedade contemporânea: o intelectual arrogante, o homem da academia, os sábios, o dominante *versus* aqueles que pegam ônibus, os exóticos, os ornitorrincos, os dominados. A potencialidade deste sábio é retratada em uma figura bonita, harmoniosa, sutil: o sabiá. Porém, no âmbito da *práxis* comporta-se como um caranguejo, que anda de lado, horizontalmente sem almejar o avanço contínuo, uma figura estagnada, quiçá retrógrada.

Sérgio Vaz, ainda rebatendo a indagação do intelectual, questiona e afirma:

Mas quem foi que disse que a gente gosta de literatura?
A gente gosta de Mané Garrincha, o bailarino das pernas tortas. De Cartola,

Adoniran, Dolores, Sabotage. A Gente gosta de roda de samba em cima da laje. De beijo na boca. De futebol de várzea. De boa educação. De casa pra morar. De trabalhar. De empinar pipa. De boteco. De cerveja gelada. De festa na quebrada. E de uma "pá" que não dá para escrever aqui. A gente gosta de rir, chora, mas a gente gosta mesmo é de sorrir, mas aí vem alguém e diz que "não pode", então a gente escreve sobre essas coisas, dos dias que doem e os dias que não [...] É a vida o que realmente nos interessa. (VAZ, 2012)

Contraditoriamente, ele nega gostar de literatura, mas qual literatura? Aquela ligada aos "sistemas ideológicos" constituídos da moral social, da ciência ou da arte?

Essas questões nos remetem à discussão feita por Volochínov e abordada no início deste trabalho que diz respeito à divisão da cultura humana em arte e vida, como se elas fossem estruturas separadas, sem interferências, que correm paralelamente uma da outra. No trecho encontramos, de um lado, a literatura e, de outro, a vida.

A literatura, neste trecho, é colocada separada dos outros âmbitos da vida, de momentos do cotidiano, como se esses momentos substituíssem a literatura, como se uma "boa educação" não estivesse incumbida de divulgar a literatura e expandir o seu ensino, assim como se fosse possível uma "boa educação" sem o ensino de literatura. Os momentos do cotidiano aparecem de forma inegável cristalizadas na literatura e vice-versa. A cultura popular, como o samba, é importantíssima na formação cultural e intelectual, mas longe de ser a única forma.

Em nossa sociedade há fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. (CANDIDO, 1995, p.186)

No *post* de Sérgio Vaz percebemos a construção da identidade de diversas maneiras. Pela exaltação das práticas e manifestações artísticas daqueles com os quais o autor se identifica pelo contexto social, político e econômico. Essa exaltação desenvolvida no texto relata o heroísmo desses sujeitos marginalizados, as possibilidades abertas pelo diálogo e pelas manifestações no sarau, como um remédio, um emplastro para a dor cotidiana, da injustiça e da marginalização. Percebemos essa construção de identidade em seus recorrentes diálogos com outros momentos literários, seja pela via da crítica, seja pela incorporação dessas literaturas ao discurso do autor. Dessa bricolagem resulta sua identidade e sua identificação com o *outro*, em um processo dialógico, de forma que ao construir sua

identidade no reconhecimento social e político com o *outro*, o autor reconhece as diferenças e similitudes de sua literatura e a já produzida, de seus escritos e a prática cotidiana, de seu discurso e as vozes marginalizadas, dos navios negreiros, às periferias das grandes cidades, da chibata a pobreza torturante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos *blogs*, alcançamos algumas conclusões acerca da presença da alteridade nos discursos sobre a literatura marginal em *blogs* e na contribuição da alteridade para a formação e afirmação da identidade desta literatura.

Começamos pela reflexão do texto *Manifesto de abertura: literatura marginal*, nele confirmamos algumas ideias expostas nos estudos do círculo de Bakhtin, já que o autor cria uma imagem do seu leitor (seu *ouvinte possível*) e antecipa o ato responsivo deste, para isso utiliza recursos composicionais específicos compatíveis com um determinado grupo social, no caso, os sujeitos marginalizados. Estas marcas singulares são alteradas, contaminadas e influenciadas por relações com o espaço e com os sujeitos, esses traços singulares e sociais inerentes à linguagem são denominados, como já vimos por *estilo*. Tais elementos são as gírias, a “despreocupação” com escrita formal — que pode demonstrar em um determinado grau a falta de escolarização do escritor — e a utilização de elementos que demarcam a modalidade oral da língua. Aqui, percebemos que o manifesto pretende, de maneira pungente, firmar estes escritores como literatura, literatura feita pelo e para o povo da periferia. O autor, para tanto, utiliza elementos linguísticos que se configuram como provenientes de espaços marginais e marginalizados, utilizados por sujeitos que vivem nas periferias, ou seja, um *outro* semelhante.

No texto de Ferréz e Sergio Vaz confirmamos o que Hollanda diz sobre a literatura marginal quanto ao seu caráter contestatório e reivindicatório. Seja pela escolha do gênero manifesto, que já possui uma construção histórica de ruptura, seja por meio da reivindicação pelo direito à literatura, à literatura feita pelo povo marginal preenchida por seu valor ideológico: “Literatura de rua com sentido sim, com um princípio sim, e com um ideal sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte. [...]” (FERRÉZ, 2006).

Percebe-se a necessidade de fazer-se autêntico — “e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro, nada mais que os autênticos” (FERRÉZ, 2006) —, de afirmar sua identidade perante os *outros*. Estes *outros* podem ser entendidos como aqueles semelhantes que compartilham do mesmo espaço marginalizado.

A relação com esse *outro* também se dá pela voz de internautas, vimos, por exemplo, em um comentário no *post* de Ferréz veiculado no *blog* da editora literatura marginal, em que o internauta diz: “Deixa a burguesada não entender”. Este internauta pode não necessariamente pertencer à mesma classe social de que Ferréz e Sérgio Vaz fazem parte,

muito embora pareça pertencer, já que o comentarista se distancia deste *outro* opressor, mas independente disto concluímos inequivocamente que há uma nítida identificação entre o texto escrito pelo sujeito marginalizado e o discurso do internauta.

Em outro comentário, deparamo-nos com uma estudante do curso de letras que faz questão em compartilhar com todos os *possíveis ouvintes* do *blog* o porquê de cursar letras e o porquê de se identificar com tal literatura: “Sou estudante de Letras, por que recebi uma bolsa para isso. Moro também na periferia de minha cidade e sei de cada dificuldade que o povo menos favorecido é tratado”. Ou seja, a condição financeira da internauta não possibilita que pague uma faculdade, porém ela recebeu uma bolsa de estudo, apesar de morar na periferia de sua cidade. Essas informações são importantíssimas para afirmarmos a identificação da internauta com o texto lido.

Há também um outro *outro* que pode ser concebido como aquele que não pertence à mesma realidade que os autores, mas ao contrário, integra a elite. Há uma extrema preocupação dos autores de se distanciarem de tais vozes sociais que são denominadas pelos próprios de *os donos da casa grande, os capitães do mato, os intelectuais, os sábios, a grande cultura nacional, o poder aquisitivo*.

Contraditoriamente ou não, dos cinco comentários presentes no *blog*, dois são de internautas que se apresentam como pertencentes à academia, *intelectuais, sábios* interessados nesta literatura¹⁵ pelo seu caráter inovador e pelos seus traços linguisticamente distintos do “padrão”. Este fato nos leva a concluir que apesar da academia ser um espaço elitizado, há uma possibilidade de mudança, de abertura quanto ao objeto de estudo. Ou seja, abre-se espaço para o estudo não só do erudito, mas também para outras literaturas contemporâneas, dentre as quais aquela pertencente aos grupos menos prestigiados. Neste caso, o *outro* de quem o escritor marginal quer se distanciar apropria-se de seu discurso em estudos acadêmicos, vê sua palavra com valores positivos para a academia.

Um outro espaço de contradição na construção da identidade do escritor marginal, nos sites pesquisados, dá-se no perfil de Ferréz, em que constatamos o discurso em terceira pessoa, o qual configura um discurso semelhante ao dos gêneros de biografia, nos remetendo a certa “tradição” literária presente no discurso do autor; mas este, de forma paradoxal, critica tal postura e se afirma como autêntico no texto publicado no *blog* da editora *Literatura marginal*.

¹⁵ Entendemos que seria pertinente pesquisar se os sujeitos que moram nas periferias têm acesso a esta literatura, se há nesses espaços o acesso permanente à rede que possibilite a entrada na internet e nos *blogs*. Para que

Isso demonstra de certa forma, uma apropriação da palavra escrita e da tradição literária por estes autores — que agem como porta-vozes de uma parcela da população marginalizada não só economicamente, mas também excluída do pensamento intelectual e científico, daquela cultura canônica e institucionalizada —, apesar da eminente preocupação destes em afirmar a cisão entre seus escritos, sua literatura, daquela canônica¹⁶.

Porém, apesar dos escritores marginais fazerem questão de se distanciar de tal literatura, podemos perceber, através dos comentários analisados, indicativos de um interesse da academia por essa literatura. Ou seja, as diferentes vozes dos *outros*, tanto do semelhante quanto do díspar, se fazem presentes no discurso dos escritores desta literatura. Ora por uma questão de afinidades políticas e sociais fruto da exploração e exclusão de uma parcela da população, ora por almejar a visibilidade cultural de todas as classes sociais e por desejar o que o *outro* díspar sempre teve acesso por meio da exploração e da exclusão social das camadas menos beneficiadas economicamente.

pudéssemos auferir realmente o público desta literatura, porém esta pesquisa não foi possível por conta da amplitude do trabalho.

¹⁶ Segundo Eslava (2004), o termo literatura marginal é uma autodenominação dos próprios escritores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. O navio negreiro: tragédia no mar. In: *Poesias completas de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- ANDRADE, O. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil. Manifesto Antropófago. O Rei da Vela*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.
- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte*. (1926) Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Texto para fins didáticos, não publicado.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* Trad. Michel Lahud e Yara F.Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS e FIORIN (Orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora Unicamp, 1997.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In:____ *Vários escritos*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1995.
- ESLAVA, F. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 24. Brasília, julho – dezembro, 2004.
- FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. TEZZA, CASTRO, G. (Orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. Paraná: Editora UFPR, 2007.
- Ferréz. *Manifesto de abertura: literatura Marginal*. Publicado em 1 de dezembro de 2006 no blog da editora de Literatura Marginal: editoraliteraturamarginal.blogspot.com.br/2006/12/manifesto-de-abertura-do-livro.html. Acessado no dia 05 de junho de 2012.
- _____. *Literatura marginal: Talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. In:____ *O dialogismo*. São Paulo: Ática, 2008.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GENÊROS DO DISCURSO (GEGe). *Exotopia/ Extralocalidade. Palavras e contrapalavras: Glosariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João editores, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

GERALDI, J.W. Alteridades: espaços e tempos de instabilidades. In. NEGRI, Lúgia, FOLTRAN, Maria José e OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs.) *Sentido e significação – Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos Bakhtinianos de construção estética. In. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Literatura Marginal*. Texto extraído do site: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=638>. Acesso em 2 de agosto de 2012.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã* (I – Feuerbauch). São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MENDONÇA, M.C. *Identidades e prática de escrita em blogs: Reflexões sobre o fazer literário na internet*. Anais do IX encontro do CELSUL, Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, out. 2010. Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Marina%20Mendonca.pdf>, acessado 10 de setembro de 2012.

MIOTELLO, V. Conversando sobre Bakhtin: Círculos de Bakhtin I. *Linguasagem*, edição 5. São Carlos, fevereiro de 2009. Disponível online em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao05/col_cb.php. Visitado no dia 8 de agosto de 2012.

OLIVEIRA, J.C.A. Navio negreiro: idealização, liberdade e identidade. *Cadernos de pós graduação de Letras*. São Paulo: U.P.Mackenzie, vol.2. 2010.

PINHEIROS, P.A. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. *Revista Philologus*. nº40. Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUEZ, B. Multirões da palavra: Literatura e vida comunitária nas favelas urbanas. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 22. Brasília, julho – dezembro, 2003.

ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

SCHOLLHAMMER, K. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 22. Brasília, janeiro – julho, 2007.

TCHOUGOUNNIKOV, S. O Círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma “aliança ambivalente”. *Conexão Letras*, nº 3. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível online em: <http://www.msmidia.com/conexao/3/cap3.pdf>. Visitado no dia 8 de agosto de 2012.

ANEXO A

Manifesto de abertura do livro Literatura Marginal.

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós.

Não somos movimento, não somos os novos, não somos nada, nem pobres, porque pobre segundo os poetas da rua, é quem não tem as coisas.

Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!

Cala a boca uma porra, agora agente fala, agora agente canta, e na moral agora agente escreve.

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.

A própria linguagem margeando e não os da margem, marginalizando e não os marginalizados, rocha na areia do capitalismo.

O sonho não é seguir o padrão, Não é ser o empregado que virou o patrão, não isso não, aqui ninguém quer humilhar, pagar migalhas nem pensar, nós sabemos a dor por recebe-las.

Somos o contra sua opinião, não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não.

Um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa dos “todos são livres” agente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras classes: C,D,E.

Literatura de rua com sentido sim, com um principio sim, e com um ideal sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse pais mas não recebe sua parte.

O jogo é objetivo, compre, ostente, e tenha minutos de felicidade, seja igual ao melhor, use o

que ele usa.

Mas nós não precisamos disso, isso traz morte, dor, cadeia, mães sem filhos, lágrimas demais no rio de sangue da periferia.

Somos mais, somos aquele que faz a cultura, falem que não somos marginais, nos tirem o pouco que sobrou, até o nome, já não escolhemos o sobrenome, deixamos para os donos da casa grande escolher por nós, deixamos eles marcarem nossas peles, porque teríamos espaço para um movimento literário? Sabe duma coisa, o mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos.

Sua negação não é novidade, você não entendeu? Não é o quanto vendemos, é o que falamos, não é por onde nem como publicamos, é que sobrevivemos.

Estamos na rua loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virarem as costas, mas como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide esse país.

O significado do que colocamos em suas mãos hoje, é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi visto por centenas de escritores marginalizados desse país.

Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue nosso território, e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado.

Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados.

Outra coisa também é certa, mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo que prove que um dia a classe menos beneficiada com o dinheiro fez arte.

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social, na real negô o povo num tem nem o básico pra comer, e mesmo assim meu tio, agente faz por onde ter us barato para agüentar mais um dia.

Mas estamos na área, e já somos vários, estamos lutando pelo espaço para que no futuro, os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados, mostramos a várias faces da caneta que se faz presente na favela, e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro, nada mais que os autênticos, e como a pergunta do menino numa certa palestra.

- como é essa literatura marginal publicada em livros.

Ela é honrada, ela é autêntica e nem por morarmos perto do lixo, fazemos parte dele, merecemos o melhor, pois já sofremos demais.

O míniografo foi útil, mas a guerra é maior agora, os grandes meios de comunicação estão aí, com mais de 50% de anunciantes por edição, bancando a ilusão que você terá que ter em sua mente.

A maior satisfação está em agredir os inimigos novamente, e em trazer o sorriso na boca da Dona Maria quando ver o livro que o filho trouxe para casa.

Vindo com muita mais gente e com grande prazer de apresentar novos talentos da escrita periférica.

Prus aliados o banquete está servido, pode degustar, porque esse tipo de literatura viveu muito na rua e por fim está aqui no livro.

Depois do lançamento dos três atos que fizemos juntamente com a revista Caros Amigos, edições especiais chamadas Caros amigos/literatura marginal ao qual a Casa Amarela desde o principio acreditou e apoiou, a forma agora chega em livro.

Mas como sempre todos falam tudo e não dizem nada, vamos dar uma explicada: A revista é feita para e por pessoas que foram postas a margem da sociedade.

Ganhamos até prêmios, como o da A.P.C.A.(Academia Paulista de Críticos de Arte) melhor projeto especial do ano.

Muitas são as perguntas, e pouco o espaço para respostas, um exemplo para se guardar é o de Kafka, a crítica convencionou que aquela era uma literatura menor. Ou seja, literatura feita pela minoria dos judeus em Praga, numa língua maior o Alemão.

A Literatura Marginal sempre é bom frisar é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou sócio-econômicas. Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom isso fica para os estudiosos, o que agente faz é tentar explicar, mas agente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta.

Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por majorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos.

Não vou apresentar os convidados um a um porque eles falarão por sim mesmos, é ler e verificar, só sei que com muitos deles eu tenho lindas histórias, várias caminhadas tentando fazer uma única coisa, o povo ler.

Cansei de ouvir.

- mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro.

E nunca cansarei de responder.

- o barato já tá separado a muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do cá mal terminamos o ensino dito básico.

Sabe o que é mais louco, nesse país você tem que sofrer boicote de tudo que é lado, mas nunca pode fazer o seu, o seu é errado, por mais que você tenha sofrido você tem que fazer por todos, principalmente pela classe que quase conseguiu te matar, fazendo você nascer na favela e te dando a miséria como herança.

Afinal um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós nas linhas da cultura, chegando de vagar, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia, bom vamos deixar de ladainha e na bola de meia tocar o barco.

Boa leitura, e muita paz se você merece-la, se não bem vindo a guerra.

Agradecimentos a:

Sérgio de Souza

Marina Amaral

Wagner Nabuco

Guilheme Azevedo,

Garrett,

R.O.D.

Bolha.

E a todos os parceiros que tem acompanhado o L.M. e o Movimento 1DASUL, tamos de pé graças a vocês.

Ferréz.

ANEXO B

Os dias que não doem.

Não há mais como nomear as quartas-feiras no Sarau da Cooperifa, nem contá-las em versos ou prosa, por exemplo: a noite de ontem foi simplesmente inenarrável. Mágica. Sem truques. Uma daquelas noites em que a gente se lembra o porque de estarmos vivos, que é para celebrar a vida com tudo a que temos direito: riso e dor. Só que desta vez mais riso do que dor. A Lua sabe do que estou dizendo, ela estava lá, cheia, em silêncio por respeito aos poetas, para que fluísse a poesia.

Ela viu tudo, e desta vez fomos nós, a comunidade, que fomos a sua fonte de inspiração, e tenho certeza que foi por nós que ela brilhava, para que a gente não se perdesse do caminho. Parece que todos haviam recebido um comunicado, o mesmo recado, e vinham de todos os lugares, dos becos, das favelas, do centro, do lado de dentro, do lado de fora, foi impossível contá-los sem abraça-los.

Traziam na garganta um grito entalado que vinha das galés do império romano e dos porões dos navios negreiros singrados da velha mãe África, e todos vinham carregados de feridas ainda expostas no peito nu, mas não havia lágrimas, apenas o clamor por liberdade. Liberdade! Liberdade! Liberdade! (Ô Povo lindo, ô povo inteligente!)

O Sarau da Cooperifa ficou pequeno para tantas vozes, que se juntavam a outras vozes, era como se ouvíssemos o Poeta João Cabral de melo Neto recitando, depois da dona Edite, "um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos."

E cada um que recitava sua poesia era como se lançasse um grito, para que se juntasse a outros gritos, na intenção que todos esses gritos acordasse a humanidade. Você ouviu?

Eram muitos os que gritavam, homens simples, mulheres dignas, uma gente a quem o capital insiste em escravizar, mas um povo que não admite ser escravizado. Por isso o conflito, e não tem nada a ver com poesia de prateleira de biblioteca. Tem a ver com a palavra da rua, é boca sem dente e descamisada. Órfã de pai e mãe. Sem certidão de nascimento, muito menos carteira profissional. É letra que corre sim pelas calçadas de chinelo de dedos, mas só que não

tem varizes nem frieiras, e não deixa pegadas.

A Palavra livre nos torna livre. Livres, entendeu?

Por aqui, agora, só apanha na cara quem quer. Lá, no sarau, escolhemos não dar a outra face, aliás, face nenhuma: bateu levou!

Um dia um intelectual disse que éramos exóticos, só porque pegávamos ônibus lotado e gostávamos de poesia: “Como pode esses ornitorrincos gostar de literatura?” - ironizou o homem da academia, levantando os halteres das letras para que outros dos seus também exercessem a arrogância. Nesse caso, os sábios cantam como sabiás, mas dançam como caranguejos - nada contra os caranguejos.

Mas quem foi que disse que a gente gosta de literatura?

A gente gosta de Mané Garrincha, o bailarino das pernas tortas. De Cartola, Adoniran, Dolores, Sabotage. A Gente gosta de roda de samba em cima da laje. De beijo na boca. De futebol de várzea. De boa educação. De casa pra morar. De trabalhar. De empinar pipa. De boteco. De cerveja gelada. De festa na quebrada. E de uma "pá" que não dá para escrever aqui.

A gente gosta de rir, chora, mas a gente gosta mesmo é de sorrir, mas aí vem alguém e diz que "não pode", então a gente escreve sobre essas coisas, dos dias que doem e os dias que não.

A Gente é casca de ferida que gosta de rir e chorar no papel, só isso. Não é literatura, é a vida. É a vida o que realmente nos interessa.

*do livro "Literatura, pão e poesia" Global Editora